

Filipa Melo

# Dicionário Sentimental do Adultério

De A a Z, Abraão a Zeus

*Ao Fernando Caetano, que acompanhou,  
linha a linha, a escrita deste livro.*

«Eu posso explicar:  
Isto não é o que parece.»



## ABRAÃO

### **De como a competição entre os dois filhos de Abraão, o legítimo e o ilegítimo, originou três religiões.**

A água-forte «Abraão expulsando Agar» pode não ser uma das melhores criações de Rembrandt van Rijn, mas possui a emoção que as caracteriza e uma atmosfera simultaneamente doméstica e fantasiosa. Nas escadas da casa, Abraão assiste à partida do primogénito Ismael, e da mãe deste, Agar, para o deserto. Apoiada com displicência na balaustrada, Sara, a mulher de Abraão, exhibe um sorriso escarninho, enquanto o filho de ambos, Isaque, espreita maliciosamente pela porta, por onde se escapa um cãozinho a abanar a cauda de contentamento. De costas, Ismael parte despreocupado, carregando os seus pertences de criança, enquanto Agar, um pouco curvada, enxuga as lágrimas num lenço. Ao centro, de braços abertos, com um olhar tenso, mas submisso, Abraão parece tentar conciliar duas dimensões da sua vida.

A imagem reproduz uma das mais antigas histórias de adultério da história cultural da Humanidade. Em Génesis, capítulos 14 a 21, *circa* 1700 a.C., Deus promete ao caldeu Abrão uma descendência tão vasta como o pó da terra e as estrelas do céu e que, embora peregrina e destinada a ser escrava durante quatrocentos anos, acabará por regressar um dia a Canaã. Sarai, mulher de

Abrão, estéril aos setenta e muitos anos, decide então oferecer ao marido a serva egípcia Agar, para que ele a fecunde e dela obtenham o tão desejado filho. Já grávida, Agar, num excesso de orgulho, passa a menosprezar Sarai que, como legítima esposa e em legítima defesa, a maltrata também. Para a consolar, um anjo do Senhor garantirá a Agar, junto de uma fonte, que Ismael, o filho que ela traz na barriga, há de ser forte e ter descendência numerosa. É aos 86 anos de Abrão que nasce Ismael.

Três anos depois, Deus volta a aparecer a Abrão, rebatiza-o como Abraão (e Sarai como Sara) e fá-lo patriarca de muitas futuras nações e reis de Canaã, ligados por uma aliança divina que é sinalizada pela circuncisão. Assegura-lhe também que Sara dará ainda à luz um filho, Isaque, herdeiro daquela aliança, enquanto Ismael gerará doze príncipes e deles surgirá uma grande nação. Aos 90 anos de Abraão, nasce então Isaque, o «filho da promessa».

Ao tempo do episódio emotivo retratado por Rembrandt, Isaque acabava de ser desmamado. Sara, vendo que Ismael zombava do meio-irmão, incitou Abraão a expulsá-lo (e à mãe), de modo que ele nada herdasse. Eis Abraão, o primeiro dos patriarcas bíblicos e fundador do monoteísmo, perante um dilema. Qual dos filhos adotar? Qual deles terá futuro e a descendência mais gloriosa? Qual será o critério para que os homens vindouros saibam reconhecer em si mesmos o sagrado, uno e legítimo?

Respostas muito diferentes serão dadas pelas três religiões abraâmicas. O cristianismo basear-se-á na fé. O judaísmo, no nascimento — segundo uma leitura judaica da história bíblica, Abraão opta pelo seu filho *legítimo*, Isaque, e, através dele (poupado do sacrifício), dá origem ao povo eleito (dozes filhos/tribos de Israel), a nação escolhida por Deus. Por seu turno, o islamismo unirá a fé à herança de Ismael.

Segundo a tradição islâmica, Agar deve ser considerada mulher de Abraão tanto quanto Sara, já que a poligamia era prática corrente na época. Como teste de fé, Deus mandou Abraão

sacrificar o filho Ismael, abandonando-o com Agar no deserto de Bersebá. Desesperada com a sede e o choro do filho, Agar procura água, andando sete vezes para cá e para lá, entre os montes Al-Safa e Al-Marwa. Entretanto, Ismael raspa o solo com o pé (numa outra versão, é o anjo Gabriel que bate com a asa contra o solo) e faz brotar água que Agar procura conter com as duas mãos, enquanto exclama: «*Zomë, Zomë*» («para de correr»). Ismael sobreviverá para gerar os ascendentes do último profeta, Maomé. Continuará toda a vida a relacionar-se com Abraão e, juntos, construirão a Caaba, o «centro do mundo», santuário interior da Grande Mesquita de Meca, onde até hoje os muçulmanos cumprem (pelo menos uma vez na vida) a Hajj (peregrinação), percorrendo sete vezes a distância entre Al-Safa e Al-Marwa e bebendo a água medicinal do poço sagrado de Zamzam.

A união entre todos os *filhos de Abraão* será para sempre impossível, esventrada por legitimidades e ilegitimidades, acusações e rivalidades insanáveis. É outra narrativa de disputa entre irmãos, que sucede à original, de Caim e Abel, mas agora o pano de fundo é a melancolia do envelhecimento, para os homens, e a melancolia do fim da capacidade reprodutiva, para as mulheres. Esta angústia de não se deixar filhos é a que sempre agitou o coração e a carne de homens e mulheres. E os obrigou a casar-se e a inventar o adultério.

#### ADULTERIUM

**Kant não concordaria, mas a prática nasceu muito antes da palavra e do juízo sobre ela.**

Atualmente, «adultério» significa: relação sexual voluntária entre uma pessoa casada e alguém que não é o seu cônjuge. No calão brasileiro, é «pular a cerca».

A palavra «adulterio» deriva do latim *adulterium*, composto pelo prefixo *ad* (junto de, aproximação), a raiz de *alter* (outro) alterada em *ulter* e o sufixo *io* (ação, efeito). Na Roma Antiga, *adulterium* ou *adulteratio* eram utilizados no sentido atual de «adulteração», para definir a corrupção ou contaminação de alguma coisa por contacto com outra de menor valor. Outro uso da palavra dizia respeito à violação grave cometida por um homem, casado ou não, ao ter relações sexuais com uma mulher casada, *nudus cum nuda, solus cum sola in eodem lecto, ambos nus e sós na cama*.

Os termos grego e hebraico para «adulterio» são, respetivamente, *moicheia* e *ná'aph*. Em sentido figurado, ambos designam também «apostasia», o afastamento definitivo e deliberado de alguma coisa ou a negação e abandono da fé. Segundo a Concordeância de Strong, *ná'aph* surge 31 vezes em 24 versículos da Bíblia e *moicheia* quatro vezes em quatro versículos.

Na atualidade, o adulterio é a principal causa de divórcio em todo o mundo.

## ALUGUER

### Quase dois mil anos antes de Cristo, já existiam barrigas de aluguer.

A tradição islâmica considera que Abraão não praticou adulterio com Agar porque, à época (e hoje ainda, por muitos lugares desse vale de lágrimas), se praticava e aceitava a poligamia. Mas, mais do que oficial e consentida, a relação de Abraão e Agar parece ter sido promovida e até incentivada pela anciã Sarai, que desconhecia que Deus lhe iria dar também, anos depois, o milagre de procriar. Não lhe foi difícil decidir-se. Aceitou sacrificar o «i» final

do seu nome próprio e ser apenas Sara daí em diante. Não é grande perda para se ter um filho quase aos 80 anos.

Pois bem, se formos a ter em conta o plano das vontades livremente expressas, a relação carnal oficial entre Abraão e Agar deveria cair fora da categoria de adultério e com muito mais propriedade no âmbito da das barrigas de aluguer. Isto, mesmo considerando que às escravas de ontem (como ainda às de hoje) não se tinha de pagar nada: nem o coração, nem a barriga, nem o aluguer.

#### ANATOMIA DO AMOR

##### **Afinal, a culpa é da química e dos circuitos cerebrais.**

No final do século XVI, o poeta inglês Samuel Daniel descreveu o amor como «uma enfermidade cheia de dores / Que rejeita todos os remédios; / Uma planta que quanto mais se corta mais cresce» e que morre quando é bem tratada. Desde o início dos anos 1990, Helen Fisher prefere chamar-lhe «atração da frustração».

Associando o fenómeno do amor à química e a circuitos específicos de atividade nos cérebros feminino e masculino, esta antropóloga norte-americana é hoje uma sumidade na investigação científica das raízes biológicas da atração romântica interpessoal, isto é, da natureza do amor romântico. As suas teorias, expostas em ensaios com ampla divulgação, como *Anatomia do Amor*<sup>1</sup>, *O Primeiro Sexo*<sup>2</sup> ou *Porque Amamos: A natureza e a química do amor romântico*<sup>3</sup>, contradizem todos aqueles que ainda acreditam no amor como construção intelectual ou simples fruto das emoções.

Entre 1996 e 2002, Fisher liderou uma equipa de psicólogos e neurologistas na observação da atividade cerebral de homens

e mulheres recém-loucamente apaixonados: alguns deles com resposta positiva por parte de um parceiro, outros recém-rejeitados. Mais tarde, o objeto de estudo alargou-se a pessoas que se declaravam ainda apaixonadas após dez a vinte e cinco anos de casamento.

O método utilizado é um dos mais impressionantes recursos científicos atuais: o mapeamento da atividade do cérebro, em termos de variações no fluxo sanguíneo (alterações cardiovasculares cerebrais), detetadas em imagens de ressonância magnética funcional (fMRI). Os dados recolhidos visam estabelecer correlações entre a ativação cerebral e a tarefa executada pelo indivíduo durante a varredura da maquina de ressonância. Traduzindo: fazem um filme do cérebro em atividade.

Helen Fisher e a sua equipa utilizaram esta técnica para recolher e analisar respostas específicas das «cobaias» a estímulos relacionados com o parceiro amoroso (por exemplo, uma fotografia dele). Complementaram-na com inquéritos, dados da biologia e da neurociência e concluíram que a paixão é, sobretudo, «uma *necessidade* fisiológica», sujeita aos determinismos dos circuitos cerebrais.

Por outras palavras, os estados iniciais de paixão intensa estarão diretamente associados a estímulos biologicamente determinados e a um sistema orgânico, primitivo, de recompensa.<sup>4</sup> Por exemplo, pasme-se: uma das zonas cerebrais ativadas quando nos apaixonamos é um pequeníssimo ponto na base do cérebro, a área tegmental ventral (ATV), que dispara também quando somos rejeitados ou sofremos com a ausência do ser amado ou... sob o efeito do consumo de cocaína.

Luxúria, enamoramento e ligação, euforia, compulsão, dependência e desespero amorosos rimam, afinal, com motivação e química cerebral. Com substâncias neuroquímicas que «constituem a coluna vertebral do amor romântico obsessivo e apaixonado»: a dopamina (libertada a partir da área ATV), a norepinefrina

(estimulante da atração e da corte amorosa)<sup>5</sup>, a serotonina (denominada «neurotransmissor do prazer»), o estrogénio (principal hormona sexual feminina) ou a testosterona (hormona produzida nos testículos, nos ovários e pelas glândulas suprarrenais; desenvolve e preserva as características masculinas, estimula o impulso sexual).

E eis-nos chegados à informação que mais nos interessa. Diferentes regiões cerebrais respondem às ânsias dos três impulsos básicos de acasalamento, que não ocorrem necessariamente em simultâneo: a satisfação sexual (luxúria), o amor romântico (a exaltação e a paixão) ou a ligação afetiva a longo prazo. Repita-se: luxúria, paixão e ligação não têm obrigação *biológica* de conjugarem-se entre si.

O resultado é o confuso poema em rima branca do enamoramento, do casamento e do adultério. Onde todas as ocorrências e conjugações são, afinal, biológica e socialmente *naturais* e possíveis. E a vida se vai fazendo, sobretudo, de atrações irreais e expectativas frustradas.

#### APARÊNCIAS

**Oh! Que formosa aparência tem a falsidade! [Shakespeare]**  
Pobre Pompeia Sula, neta do ditador Lúcio Cornélio Sula e segunda esposa de Júlio César (ver «Cleópatra»). Injustiçada. Coitada!

Bonita e muito jovem, num certo dia de dezembro de 62 a.C., Pompeia recebeu várias matronas e virgens vestais para celebrarem juntas Bona Dea, a deusa da fertilidade e da virgindade, muito em privado e como era tradição fazer-se na residência do

*pontifex maximus*. Para tal, a porta da casa foi fechada aos homens, e até mesmo aos animais.

Imaginaí vós que o tribuno Públio Clódio Pulcro, ansioso por seduzir Pompeia, se disfarçou de tocadora de lira e se infiltrou clandestinamente na celebração. Aurélia Cota, mãe de Júlio César, topou-o e deu o alarme. O imperador pediu naquele mesmo dia o divórcio, que logo lhe foi concedido.

Aquando do julgamento de Clódio, acusado de sacrilégio, César testemunhou que nada tinha contra ele. «Então, porque te divorciaste?», perguntaram-lhe os tribunos, após inocentarem o réu (por 31 votos a favor, ao que se diz subornados, e 25 contra — entre eles, o de Marco Túlio Cícero). A resposta do imperador foi clara e ficou para a história:

*À mulher de César não basta ser honesta, deve parecê-lo.*

Pobre Pompeia Sula. Injustiçada. Coitada!

ARENDT & HEIDEGGER

**O *affair* críptico entre uma judia antifascista  
e um apoiante nazi.**

É possível ser-se mais fiel a um amor do que a um princípio moral? Como aceitar que um espírito superior tenha, afinal, um comportamento odioso? Quanto de uma relação de adultério é feita de baixa autoestima e de exercício de poder sobre o outro?

Em 1960, aos 54 anos, Hannah Arendt escreve uma nota a Martin Heidegger, então com 71, confessando-lhe que ele é aquele «a quem permaneci fiel e infiel, sempre com amor». Não chega a enviá-la e nunca saberemos porquê. Em 1998, é revelada a correspondência entre os dois, mas consta essencialmente das cartas escritas por ele; a maior parte das cartas dela desapareceu.

Nem então se decifra a razão da constância do laço da judia Hannah com o velho amante e professor alemão. O que a fez relevar o gravoso antissemitismo dele?

Recuemos até 1924. Hannah é a aluna de 19 anos por quem Martin, mestre incontestado aos 36 (está a concluir a obra-maior *Ser e Tempo*), se apaixonou. Ele é filho de um sacristão de uma pequena cidade bávara, andou num seminário jesuíta e estudou Teologia até se afastar do catolicismo e optar pela Filosofia. Serviu atrás de uma secretária no último ano da Primeira Guerra, está casado com uma luterana (e nacionalista fanática), filha de militares prussianos, e têm dois filhos (de cinco e seis anos). Ela vem de uma família de judeus seculares, da média burguesia cosmopolita; é órfã de pai e cresceu com a mãe, o padrasto e duas meias-irmãs mais velhas — que detesta. Tem a mistura característica de tenacidade, ambição intelectual e insegurança dos assimilados. A relação entre Heidegger e Arendt é, desde o primeiro momento, determinada pelo ego enfatado e pelo ascendente professoral dele sobre ela, que, apesar de muito independente, deseja, acima de tudo, ser aceite e reconhecida.

Ele dá-lhe instruções por escrito, dita as regras do relacionamento e diz-lhe que o silêncio é o melhor veículo para ela revelar o seu íntimo.<sup>6</sup> Mas também descreve o ímpeto físico e afetivo que sente como uma revelação. Quando, um ano depois, Hannah muda de cidade para se dedicar ao estudo, ele argumenta: «Esta “desistência” de tudo o que é humano e esta quebra de todos os laços é, no que diz respeito ao trabalho criativo, a mais magnífica experiência humana que conheço — na realidade, é a coisa mais repugnante que nos pode acontecer. O nosso coração arrancado do nosso corpo.»

Apesar de ele ter uma nova amante a partir de 1927 e de ela se casar em 1929, correspondem-se até 1933. Nesse ano, ele assume a filiação nazi e, como reitor da Universidade de Friburgo,

despreza e persegue alunos e colegas judeus (entre eles, Husserl, o seu próprio mentor); ela escreve-lhe, preocupada, e ele desmente os boatos com sobranceira. Hannah abandona a Alemanha (após ser presa durante uma semana). Só se reencontrarão em 1950, quando ele, entretanto saneado, procura limpar a sua imagem através da amizade com a ex-aluna e amante.

Após dois casamentos, uma carreira de sucesso nos EUA e fama internacional, Hannah reconhece por fim a sensibilidade e vulnerabilidade de dimensões grotescas que a caracterizavam no final da adolescência. Ao amigo comum Karl Jaspers, fala da «falta de carácter» e da «cobardia» de Martin, um «mentiroso». Contudo, durante os 25 anos seguintes, relaciona-se com o ex-amante sob a vigilância permanente da mulher dele. Garante a publicação americana da obra do filósofo e boa parte da sua reabilitação, o que, afinal, lhe garante uma superioridade moral sobre ele.

De forma sádica, Martin nunca chega a valorizar Hannah, em privado ou em público. Ela morre em 1975, com 69 anos. Ele morre meses depois. Talvez a resposta para o relacionamento entre ambos esteja na essência do pensamento filosófico humanista dela: nem bestas, nem deuses, as pessoas são o que são, dentro das possibilidades infindas que se lhes deparam.

## ARTE DE AMAR

### Saber atrair e trair: arte ou técnica?

Junte-se num poeta romano o treino elevado em retórica ao exercício *exemplar* da boémia. Some-se uma alergia comichenta às lições sisudas e bucólicas de Lucrecio (*Sobre a Natureza das Coisas*)

e Virgílio (*Geórgicas*). E sirva-se, em verso sério, o amor mais licencioso.

Nos dois anos contíguos ao nascimento de Cristo, Ovídio faz-se professor de erotismo (*magister amoris*) e, em três volumes, fornece: aos homens, conselhos para 1) seduzir a amada e 2) a manter após o contacto sexual; às mulheres, instruções precisas para 3) se equipararem aos homens, inclusive na prática de adultério.

Em matéria de pornografia, obscenidade ou escatologia, *Arte de Amar* é uma lição para meninos, se comparada com as criações de Catulo ou Marcial. Recorre a múltiplos exemplos mitológicos e foi composta em dísticos elegíacos, como de praxe na métrica clássica. Todavia, a matéria que trata, com espontaneidade provocatória, é uma afronta óbvia à recente reabilitação do casamento (ver «Lex Julia») impulsionada por Augusto para garantir a estabilidade do regime.

Parece ter sido por esta razão que, apesar de ser levado em braços pelo público, Ovídio ganhou um bilhete só de ida para um *cu de Judas* do império (Tomos, na atual Roménia) e o seu manual foi banido das bibliotecas públicas. A *relegatio* (desterro) do poeta, liminar e vitalícia, foi executada sem direito a processo, julgamento ou defesa.

Compreende-se. Segundo o poeta, «o amor é uma espécie de serviço militar» e às mulheres deve dar-se, como aos homens, formação adequada na manipulação das armas e no domínio de técnicas avançadas de tática e estratégia. Só dezanove séculos depois, elas acederão, na prática, a um treino dessa espécie. Entretanto, e ainda hoje, os conselhos de Ovídio revelaram-se de utilidade indiscutível. Como, por exemplo, para se identificar rapidamente no campo de batalha quais os homens de quem se deve fugir a sete pés (ver «Womaniser»):

«Mas evitai os homens preocupados com a elegância e a beleza e que têm o cabelo bem penteado; o que vos dizem a vós, disseram-no já a mil mulheres; vai deambulando e não se fixa em sítio algum o seu amor. Que há de fazer uma mulher, quando o homem é mais instável que ela e pode, até, possuir, quem sabe?, mais homens? Custa-vos acreditar, mas acreditai: Troia ter-se-ia aguentado, se tivesse posto em prática os preceitos de Príamo. Há os que avançam a coberto de uma espécie enganosa de amor e, por tais caminhos, são ganhos indecentes que buscam. E não vos iluda a cabeleira a brilhar, resplandecente, de perfume de nardo, nem a pinça elegante a apertar as pregas da roupa, nem vos engane a toga de um tecido finíssimo, nem os anéis, por mais e mais que tenha nos dedos. Talvez o mais elegante de entre todos eles seja um ladrão e esteja a arder por amor do que trazes vestido. “Devolve o que é meu!”, gritam, muitas vezes, depois de roubadas, as mulheres, “devolve o que é meu!”, gritam, com gritos que ecoam em todo o foro; Tais contendias, ó Vénus, de teus templos resplandecentes de tanto ouro, tu as observas, impávida, na companhia das tuas Apíades. Há ainda, uns quantos, de mau nome e fama duvidosa; as que foram enganadas por muitos desses comungam dos vícios do seu amante. Aprendei com as desgraças das outras a temer as vossas; não se abra a vossa porta a um homem falso. Guardai-vos, ó filhas de Cécrops, de confiar nas juras de Teseu; os deuses que ele toma por testemunhas, já antes os tomou.

E tu, Demofonte, herdeiro do perjúrio de Teseu,  
depois de enganares Fílis, nenhuma confiança em ti pode restar.  
Se boas promessas vos fizeram, com outras tantas palavras haveis  
de prometer;  
se cumprirem, o prazer acordado, haveis de cumpri-lo.  
É capaz de apagar as chamas eternas de Vesta  
e arrebatat de teu templo, ó filha de Ínaco, teus objetos sagrados  
e servir ao marido acónito misturado com pó de cicuta  
toda aquela que, depois de receber o presente, negar os prazeres  
de Vénus.»<sup>7</sup>

#### ASPÁSIA

##### **A prostituta que ensinou o amor a Platão e a eloquência a Sócrates.**

No século v a.C., entre as guerras persas e a do Peloponeso, Atenas foi invadida por emigrantes, atraídos por aquilo a que depois se chamou a Era de Ouro da cidade. Então, cioso dos privilégios da cidadania ateniense, o estadista, orador e estrategista Péricles decidiu restringi-los aos filhos de pai e mãe atenienses, deixando todos os outros desprovidos de direitos civis e políticos e impedidos de ocupar cargos públicos.

Mal ele sabia que, entre a horda de metecos (habitantes estrangeiros) e respetivas famílias, estava Aspásia, originária da cidade jónica de Mileto (hoje parte da Turquia), futuro grande amor da sua vida, mãe de Péricles, *o Jovem*, e uma das mulheres mais famosas da Grécia Antiga. Apesar das origens aristocráticas e de uma educação a preceito, a rapariga, tal como muitas outras estrangeiras obrigadas a viver na pobreza e destituídas de dote,

tornou-se uma *hetaira* («amiga», cortesã) e, segundo alguns historiadores, abriu um bordel.

As prostitutas heteras (*heterae*) eram mulheres cultas, elegantes e sofisticadas, que ofereciam companhia aos clientes (*hetairoi*) e amigos (*philloi*), satisfazendo os seus apetites sexuais e intelectuais. Independentes nas palavras e nos comportamentos, pagavam impostos e, ao contrário das atenienses, estavam desobrigadas de se restringirem ao gineceu (recorde-se que as mulheres de Atenas não tinham personalidade jurídica nem direito a qualquer tipo de propriedade). Acompanhavam-nos em eventos sociais (onde, por estatuto ou falta de instrução, as mulheres, irmãs ou filhas dos cidadãos não podiam estar presentes), animavam salões de discussão e inspiravam e influenciavam políticos, filósofos e poetas. A *hetaira* que mantivesse uma relação duradoura com um amante tornava-se uma *pallake* (teúda e manteúda; concubina), cuja existência era aceite por lei, não sendo sequer censurado o seu convívio com a mulher legítima.

Aspásia evidenciou-se entre todas as heteras<sup>8</sup> pela inteligência e sensualidade. Mestre retórica, é referenciada, entre outros, nos escritos de Xenofonte, Antístenes e Platão, que, segundo alguns, partiu dela para compor a figura de Diotima, n' *O Banquete*, inspiradora do método socrático<sup>9</sup> e do conceito de amor platónico.

Com cerca de 25 anos, Aspásia conheceu Péricles (20 anos mais velho do que ela), divorciado há uma década e com dois filhos, e ter-se-iam casado, não fora estarem impedidos de o fazer pelas leis xenófobas que ele próprio instituíra. A coabitação do casal e a crescente influência de Aspásia, nomeadamente instando à emancipação feminina, motivaram críticas e sátiras violentas. Pouco tempo antes da guerra do Peloponeso, ela foi acusada de corromper mulheres atenienses para satisfazerem as perversões várias do amante, o que correspondia ao crime capital de impiedade. Péricles chorou enquanto discursava em sua defesa no tribunal e conseguiu convencer os juízes a poupá-la.

Ainda que muito da vida de Aspásia seja desconhecido, sabe-se que os seus detratores, entre eles Aristófanes, a apontaram como principal causadora, por motivos pessoais, dos conflitos de Atenas com Samos e Esparta.

Durante o cerco das tropas espartanas, a má saúde pública na cidade facilitou a propagação de uma epidemia de febre tifóide, que matou cerca de um quarto da população, entre ele os dois filhos legítimos de Péricles. Por ser o único herdeiro vivo do estadista, Péricles, *o Jovem*, foi elevado a cidadão (e, para tal, teve de ser modificada a lei antes criada pelo seu pai).

Após a morte de Péricles, ocorrida poucos meses depois, também vítima da epidemia, Aspásia tornou-se concubina de um bom amigo dele, o general Lísicles, de quem teve um filho. A ligação foi breve. Lísicles, a quem Aristófanes chamou «vendedor de borregos», morreu em combate.

Aspásia ter-se-á retirado depois para a província, onde fundou uma escola de eloquência para jovens heteras. Uma dessas alunas foi a bela Lais de Corinto, immortalizada como Artemisa, deusa da caça, pelo pintor Apeles, seu amante. Deste se diz que era muito recetivo às críticas e que terá aceitado de imediato a que foi feita por um sapateiro aos sapatos de uma das figuras dos seus quadros. Em seguida, tendo-se o sapateiro aventurado a criticar as pernas, Apeles terá respondido: «Não suba o sapateiro acima da chinela!» Mas isso é já outra história.

#### ATRAÇÃO FATAL

**Um filmezinho misógino e depois volta tudo ao mesmo.**

Tudo parecia funcionar bem para Dan Gallagher (Michael Douglas), advogado de sucesso em Manhattan, até a mulher e o filho

se ausentarem durante um fim de semana. Entra em cena Alex (Glenn Close), uma editora sexy e desinibida («discreta», segundo a própria), com ar de ser capaz de engolir os homens todos deste mundo e do outro. Após jantarem os dois, as coisas descambam rapidamente para fora do controlo do marido exemplar. A transgressão inclui muito sexo, ritmos latino-americanos, corridas no Central Park e, no início, a paixão, exacerbada pelos exageros carnais, parece muito de fita romântica. Até que ela cozinha *pasta* para ele ao som de *Madame Butterfly* e um cheirinho a tragédia invade o apartamento. «Tu és fantástica, mas eu sou casado. Sê razoável. A oportunidade surgiu e nós agarrámo-la. Somos os dois adultos», diz-lhe ele, prestes a ser tragado pelo abismo da ferida narcísica feminina, explorada num melodrama quase de terror.

A América tremeu de inquietação e de gozo com este filmezinho sobre os sustos que um passo em falso pode trazer aos matrimónios felizes. Falou-se muito (o filme é de 1987) em crime e castigo e no pior pesadelo que um homem pode enfrentar — uma amante que, de repente, se transforma em piloto terrorista. O final inicialmente previsto, no qual a vilã se suicidava, mas saía por cima, deixando cair toda a culpa em cima do marido infiel, foi trocado *in extremis* pela versão em que ela é castigada, ponto. Toda a gente foi nomeada para os Óscares, exceto Michael Douglas (que ganhou com *Wall Street* no mesmo ano), e o filme, com as suas poucas ambições e um orçamento de 14 milhões, só nesse ano rendeu 77. Com o cruzar e descruzar de pernas de Sharon Stone em *Instinto Fatal*, faz parte da ressaca da libertação sexual nos EUA e de um sobressalto final que parecia anunciar a vitória das fêmeas na cova dos leões.

Foi sol de pouca dura. Mais volta menos volta, depois disso voltámos às comédias românticas ou dramas eróticos onde o adultério não passa de uma falsa pista, de turismo accidental, de um buraco na fechadura ou de uma tentação para donas de casa desesperadas, totós e maridos melancólicos.